

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social¹

Resumo

Este artigo se propõe a demonstrar a importância do futebol como forma de organização de identidades num bairro pobre da periferia de Porto Alegre – RS, a Restinga. Na pesquisa se verificou que as práticas em torno deste esporte foram uma significativa contribuição na luta contra a segregação social e racial neste bairro. Viu-se a importância da memória como fator de articulação de identidades e evocação de práticas de lutas sociais antirracistas que ocorreram em outros tempos e territórios, mas com forte influência cultural na vida cotidiana da população de trabalhadores/moradores da Restinga. A pesquisa de campo foi desenvolvida através de entrevistas com diversos sujeitos que fizeram parte do processo de apropriação do território deste bairro através do futebol. Também foram feitas caminhadas etnográficas e observação de jogos. Na primeira parte há uma breve descrição das características da Restinga e do processo de segregação que deu origem a este território e, em seguida, se descreve a histórica luta da população negra da cidade pelo direito a organizar times de futebol e como este processo se relaciona com a Restinga. Finalizando, se apontam as complexas relações entre os protagonistas e os desdobramentos e lacunas que se logrou observar a partir da pesquisa. O direito à cidade, entendido de forma ampla, também deve incorporar a possibilidade dos trabalhadores e moradores da periferia produzirem cultura e serem protagonistas da construção de suas identidades. Na Restinga, o futebol foi um dos veículos desta afirmação.

Palavras-chave: futebol; segregação; memória; identidade; questão racial.

Luis Carlos Ribeiro Stephanou
Mestre e Doutorando em
Desenvolvimento Regional pela
Universidade de Santa Cruz do Sul –
UNISC.
Brasil
riglosaragon@gmail.com
lattes.cnpq.br/5029261537856335
orcid.org/0000-0001-9510-1928

Rogério Leandro Lima da Silveira
Doutor em Geografia Humana pela
Universidade Federal de Santa
Catarina - UFSC. Professor do
Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Regional da
Universidade de Santa Cruz do Sul –
UNISC.
Brasil
rlls@unisc.br
lattes.cnpq.br/3810508990315581
orcid.org/0000-0003-1003-9470

Para citar este artigo:

STEPHANOU, Luis Carlos Ribeiro; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social. *PerCursos*, Florianópolis, v. 24, e0314, 2023.

<http://dx.doi.org/10.5965/19847246242023e0314>

¹ Este artigo é em parte uma adaptação do texto “Aqueles gramados acolhedores. Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social” dos autores deste artigo, apresentado no XIX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR, ocorrido em Blumenau – SC, entre os dias 22 e 26 de maio de 2002.

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

Those cozy pitches - Soccer memories of a process of social identity construction

Abstract

This article sets out to demonstrate the importance of soccer as a way of organizing identities in a poor neighbourhood on the outskirts of Porto Alegre - RS, Restinga. The research found that the practices surrounding this sport were a significant contribution to the fight against social and racial segregation in this neighborhood. We saw the importance of memory as a factor in articulating identities and evoking practices of anti-racist social struggles that took place in other times and territories, but which have a strong cultural influence on the daily lives of the population of workers/residents of Restinga. The field research was carried out through interviews with various individuals who were part of the process of appropriating the territory of this neighborhood through soccer. Ethnographic walks and game observation were also carried out. The first part briefly describes the characteristics of Restinga and the process of segregation that gave rise to this territory, followed by a description of the historical struggle of the city's black population for the right to organize soccer teams and how this process relates to Restinga. Finally, the complex relationships between the protagonists and the developments and gaps that we were able to observe from the research are pointed out. The right to the city, broadly understood, must also incorporate the possibility for workers and residents of the periphery to produce culture and be protagonists in the construction of their identities. In Restinga, soccer was one of the vehicles for this affirmation.

Keywords: soccer; segregation; memory; identity; racial issue.

1 Introdução

O jogador de futebol Raphael Dias Belloli, do Barcelona - Espanha, mais conhecido como Raphinha, vem conseguindo fama e prestígio, tendo sido um dos principais atacantes da Seleção Brasileira, na Copa do Mundo do Qatar em 2022. Ele também deixou orgulhosos os habitantes de um bairro popular do sul da cidade de Porto Alegre, a Restinga. Para a comunidade de futebolistas daquela localidade o sucesso de Raphinha, apesar de todo o destaque e repercussão que obteve, não chegou a ser uma surpresa e nem foi um fato isolado

Na Restinga o futebol foi um fator de mobilização, articulação social e construção de identidade desde o início dos anos 1980, inclusive vindo a lograr a profissionalização de diversos jovens nesta difícil carreira esportiva. Assim, Raphinha faz parte de uma longa história na qual o futebol ajuda a explicar a construção de territorialidades num bairro popular de Porto Alegre e, de forma mais ampla, demonstra o quanto fatores culturais e de sociabilidade são importantes na articulação e compreensão de territórios.

A importância do futebol no bairro vai mais além e até mesmo é anterior à sua própria existência, se tornando um importante elo de construção de identidade local através de um processo de articulação social fortemente ancorado na memória de como se desenvolveu este esporte entre as populações segregadas da cidade.

O texto que segue buscou entender o processo de construção de identidades a partir de experiências de sociabilidade oriundas deste jogo. Está dividido em três partes: numa primeira, há uma rápida caracterização do bairro. Na segunda parte, faz-se uma síntese dos aspectos teóricos mais relevantes em torno do conceito de memória e, por fim, se analisa como na história de Porto Alegre e em particular na história da Restinga, o futebol foi importante na afirmação identitária de sua população, em especial a partir da ênfase na questão racial.

Na última parte do texto se utilizam entrevistas abertas com protagonistas da organização do futebol no bairro. Também foram feitas visitas aos campos de futebol, com assistência a jogos e participação em momentos de lazer posteriores às partidas.

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

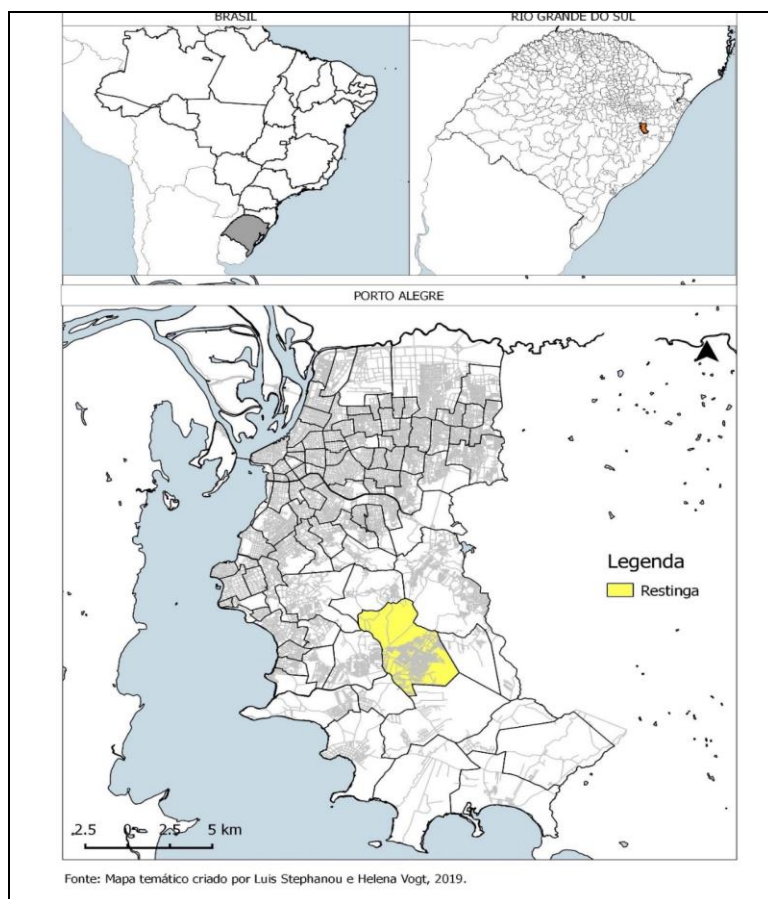
Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

2 O bairro Restinga

A Restinga é um bairro distante 27 quilômetros do centro da cidade, no que tradicionalmente se convencionou chamar de periferia. Tem características de bairro-cidade, pois a topografia da região lhe permite estar incrustado num amplo vale cercado de morros e poucas conexões físicas com o restante da malha urbana. A Estrada João Antônio da Silveira corta o bairro ao meio, sendo praticamente a única via de interligação relevante com as vias que o unem a outros bairros da cidade.

A superfície total da Restinga é de aproximadamente 38 km², mas somente cerca de 1/5 desta área está ocupada com moradias e equipamentos urbanos. O restante do território ainda é composto pela vegetação típica dos morros de Porto Alegre e algumas extensões de áreas arenosas com pequenos banhados que lhe dão o nome de Restinga (Mapa 01).

Mapa 01 - Localização da Restinga



No censo demográfico de 2010 viviam na Restinga 60.729 pessoas distribuídas em 18.070 domicílios. Porém, além do crescimento vegetativo, na última década surgiram no bairro uma série de loteamentos e também condomínios do Programa Minha Casa Minha Vida, fazendo com que se estime que atualmente vivam em torno de 70 a 75 mil pessoas na Restinga.

Embora o bairro já tenha experimentado inúmeras mudanças desde a chegada de seus primeiros moradores, em 1967, ainda é uma localidade pobre, com indicadores de qualidade de vida inferiores aos da população porto-alegrense em geral e significativamente diferenciados quando se efetua a comparação com as regiões ou bairros de população com melhor renda.

Dados do censo de 2010, retirados do Observatório de Porto Alegre (ObservaPOA), demonstram estas diferenças. A expectativa de vida do cidadão porto-alegrense é de 76,5 anos e na Região Centro chega a 80,7 anos. Já na Restinga, não supera os 73 anos. São 7 anos a menos do que na região com melhor indicador. Dentro da mesma cidade!

A questão racial é muito importante. Um total de 20% da população da cidade se declara negra, mas na Restinga este número é quase o dobro, chegando a 38,5%. Em compensação, no Bairro Moinhos de Vento, um dos bairros que concentra a população economicamente mais rica da cidade, somente 2,5% da população se declara como negra. A escolaridade dos responsáveis pelo domicílio também aponta para fortes discrepâncias: em Porto Alegre são nove anos de escolaridade, no Bairro Bela Vista (melhor resultado), chega a quatorze anos e na Restinga seus moradores ficam em média apenas seis anos frequentando os bancos escolares.

Assim, não causa surpresa que o rendimento médio dos responsáveis pelo domicílio seja de somente 2,1 salários mínimos, ao passo que no bairro de melhor desempenho, a Pedra Redonda, este indicador chegue a 18,2 salários mínimos. É um indicador de desigualdade incontestável, mesmo quando comparado com o indicador geral da cidade, de 5,3 salários mínimos. A renda média da Restinga não chega a ser metade da renda média da cidade.

A história da Restinga é um complexo processo de segregação socioespacial e construção de estigmas. Na primeira fase de implementação do bairro, entre 1967-1971, populações de outras regiões de Porto Alegre foram compulsoriamente transferidas para esta localidade distante do centro e de quaisquer recursos, sendo ali abandonadas.

As condições de vida nestes primeiros anos eram terríveis, pois não havia nenhum equipamento ou serviço que habitualmente são necessidade básica de vida (Araujo, 2018). Até mesmo o abastecimento regular de água era inexistente. Este primeiro núcleo de povoamento foi chamado de Restinga Velha. Seus habitantes, antes imersos na pobreza de regiões centrais da cidade, passam a viver na miséria em distante arrabalde que na época sequer era urbano. Em decorrência, sofrem amplo processo de estigmatização.

A partir de meados da década de 1970 se transferem para a Restinga grandes contingentes de famílias associadas a núcleos de trabalhadores do serviço público e outras categorias que na época tinham certa estabilidade e uma condição de vida melhor do que a dos primeiros moradores. Surge a Restinga Nova, separada da Restinga Velha por uma avenida e décadas de condições diferenciadas de relação com a cidade. Assim, os estigmas se ampliam, abrangendo não somente as relações de exclusão dos moradores da Restinga em relação à cidade, mas também as conexões que vão socialmente sendo construídas dentro do próprio bairro.

A Restinga passa por muitas outras transformações sociais, políticas e de fluxos de novos moradores. Os grupos organizados e instituições ali presentes, interagindo com o mundo, vão tratando de dar conteúdo à sua heterogênea, mutante e complexa identidade. O sentido geral destes conteúdos busca superar os estigmas através de narrativas de estimas, ou seja, narrativas e práticas sociais nas quais os grupos organizados do bairro (escolas de samba, centros de tradição gaúcha, igrejas, grupos culturais de teatro, música, dança e outras manifestações artísticas, organizações não governamentais com diversas finalidades, grupos de consciência negra e outros) vão estabelecendo iniciativas que valorizam a memória e o sentimento de pertencimento do que vai sendo criado por eles mesmos, dentro do bairro e para as gentes do próprio bairro. A memória em torno do local e suas manifestações políticas e culturais são

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

importantes elementos neste processo e o futebol foi um dos núcleos mais dinâmicos no qual os registros de memória foram afirmando identidades.

3 O futebol na restinga

Desde o momento em que o futebol moderno foi criado, na Inglaterra em meados do século XIX, rapidamente se tornou o esporte mais popular do mundo. Suas regras pouco complexas e a facilidade de poder ser jogado sem muitos recursos o torna apreciado e praticado por amplos setores de trabalhadores urbanos.

No Brasil não foi diferente e, desde o momento em que os ingleses trouxeram as primeiras bolas, se afirmou como uma expressão que vai muito além dos seus aspectos lúdicos e esportivos, vindo rapidamente se transformar numa manifestação cultural com amplas implicações sociais, políticas e econômicas.

Nesta parte do trabalho serão analisados os primórdios do futebol em Porto Alegre e sua associação indireta, de construção social nos territórios negros, com a Restinga. Este passado ajuda a explicar sua importância e a forma como se constituiu em importante construtor de laços sociais e de identidade no bairro.

Com efeito, o futebol como fenômeno cultural e social é influenciado e influencia diversos aspectos que estão no cerne das relações sociais, políticas e econômicas que vão se forjando no Brasil desde meados do século XX. Hilário Franco Jr. enxerga no futebol muito mais do que um jogo; o nobre esporte bretão é local de convergência de amplas relações políticas e sociais, tendo peso em aspectos conjunturais e também fatores estruturais do país, tais como questões relacionadas à violência urbana, racismo, sexismo e outros elementos da atualidade (Franco Jr., 2017).

Sem a possibilidade de aprofundar a ampla temática com a qual o futebol se relaciona, parece válido rapidamente mencionar seus principais aspectos. Uma primeira dimensão é que o futebol, desde a Era Vargas, pode ser visto como um fenômeno social que vai gradativamente sendo apropriado pelo Estado, que lhe imprime algumas configurações e estabelece diretrizes de gestão, financiamento, relações com a

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

cartolagem, mecanismos de dependência e uma progressiva associação com a mídia, que colabora para transformá-lo em fenômeno de massa (Ribeiro; Souza, 2021).

A relação entre futebol e mídia, já desvendada por alguns dos principais estudiosos sobre esta temática, é fundamental para entender como um jogo que desde seus primórdios caiu no gosto popular vai também se transformando num complexo exercício de poder político e econômico (Helal; Soares; Lovisoló, 2001).

Em termos culturais há um debate de décadas sobre o futebol como expressão de brasilidade (Franco Jr., 2017). Seus formuladores associam um presumível estilo nacional de jogo, com características de criatividade e beleza plástica, a uma forma de se entender o Brasil. O jogo e até mesmo o antijogo (Toledo, 2021) se tornam alegorias e seus significados ultrapassam o universo dos embates futebolísticos.

Estas alegorias da prática futebolística alegre e encantadora não resistem a outros fenômenos sociais que o futebol também impulsiona. Assim, igualmente entram em campo (e nas arquibancadas) as questões de gênero, no qual conceitos como resistência e resiliência são importantes para explicar a presença das mulheres neste universo tão propenso a desenvolver práticas machistas (Goellner, 2021). Também é importante mencionar as tensões do futebol em relação a sexualidades, pois as manifestações de homofobia são muito comuns em estádios, a ponto de serem banalizadas e consideradas mais como algo folclórico e satírico do que uma manifestação de ódio e preconceito (Mendonça; Mendonça, 2021).

As questões que relacionam o futebol ao machismo e homofobia vêm mudando, em parte por pressão de grupos organizados de fora do mundo do futebol e em parte pelo receio dos clubes em perder receitas de patrocínios de empresas, que estão atentas aos movimentos culturais que vão ocorrendo na sociedade brasileira, pois tampouco lhes interessa associar suas marcas com concepções e práticas que já vêm sendo objeto de rechaço e até mesmo criminalização. Contudo, estas mudanças são lentas e o mundo futebolístico ainda é um lugar com muita presença destas formas de discriminação e preconceitos.

Na mesma perspectiva, embora atualmente com um tratamento de respostas mais consistente por parte de amplos setores vinculados ao universo do futebol, estão as questões relacionadas ao racismo. No Brasil historicamente o acesso a quase todos os esportes (possivelmente o boxe seja a exceção que confirma a regra) sempre foi dificultado à população negra. O futebol não fugiu a esta regra e, tendo sido introduzido no país por europeus, nos seus primórdios era inacessível à população negra. Contudo, em que pese as situações de racismo terem perdurado e ainda estarem presentes, a situação de falta de acesso dos jogadores negros ao futebol não foi muito duradoura.

Em Porto Alegre, já nas primeiras décadas do século XX se inicia um amplo movimento de criação de clubes de futebol. São dezenas de times e muitos eram compostos por jogadores única ou majoritariamente negros.

José Antônio dos Santos (2018) resgata a história dos clubes de futebol da população negra de Porto Alegre, presentes já na primeira fase do esporte na cidade. O “*football*” foi apresentado aos porto-alegrenses em 1903, quando ocorreu a lendária visita do Sport Club Rio Grande, de Rio Grande, time mais antigo do país, para um jogo demonstrativo. Na falta de adversários, os dois times eram compostos por futebolistas rio-grandinos do mesmo clube. O evento foi organizado por diversas associações esportivas (de remo, ciclismo e ginástica) vinculadas à elite luso-brasileira e alemã da cidade e despertou grande entusiasmo. Assim, em 7 de setembro de 1903, no Campo da Redenção, se estima que havia cerca de 1.500 pessoas na expectativa para conhecer aquela novidade esportiva jamais vista e sequer imaginada. Considerando que a população total da cidade girava em torno de 73 mil habitantes, se pode perceber o interesse que o assunto despertou.

O principal resultado deste *match* foi a fundação de vários times de futebol. Surgiram os clubes da elite (Grêmio e Fussball, ainda em 1903) e também diversos clubes identificados com a população pobre da cidade, dentre os quais havia um significativo número de times que se organizaram entre a população negra. Esses segmentos pobres da população demonstraram igual entusiasmo pela novidade esportiva que a elite e, do mesmo modo, fundaram clubes formalmente estruturados. Assim, não demorou muito

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

para os primeiros clubes negros surgirem, em 1907: o 20 de Setembro e o Sport Club Rio-Grandense (Santos, 2018).

Santos relata que em 1910 se organiza a Liga de Football Porto-Alegrense, da qual participaram os sete maiores clubes da cidade, possibilitando a organização de torneios. No ano seguinte, o Sport Club Rio-Grandense se candidatou, em vão, para ingressar na Liga. Novos critérios relativos às instalações dos clubes e valores para inscrição e mensalidades foram criados, excluindo os clubes populares, tanto os de maioria negra como os de operários de origem imigrante. Se não era possível proibir o jogo aos negros, ao menos era possível mantê-los excluídos dos principais acontecimentos e do campeonato oficial.

No início dos anos 1920 surgiram, então, três entidades que reuniram os clubes de futebol do meio popular: a Liga Nacional de Football Porto-Alegrense, a Associação Esportiva de Football e a Associação de Amadores de Football. Elas existiram no mesmo período e jogaram entre si nos mesmos lugares da cidade, especialmente no Campo da Redenção, atual Parque Farroupilha. Neste local existiram diversos campos para a prática de futebol.

Ao mapear esses clubes populares, Santos dá visibilidade a uma ampla rede de sociabilidades da população negra, apontando para significados bem mais amplos que o futebol adquiriu desde seu início. Em uma sociedade que mantinha a população negra egressa da escravidão à margem, sem educação e sem oportunidades de ascensão social, o futebol adquiria significados bem mais vastos do que uma prática meramente lúdica.

Os gramados eram locais que permitiam a visibilidade da população negra, onde desfilavam seus esforços organizativos voltados ao respeito e à integração social. Eram lugares de representação pública em que se demonstravam organizados, bem vestidos, educados e cumpridores das regras e dos deveres sociais [...]. Os clubes possuíam diretorias hierarquizadas, eleitas em assembleias de jogadores e torcedores, mantidos por um corpo de associados (homens e mulheres) que pagavam mensalidades ... realizavam festas, bailes, sorteios e quermesses...

Os clubes funcionavam como canais de educação e de representação de seus interesses, na luta contra o racismo e a segregação social vigentes

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

naquela sociedade das primeiras décadas do século passado (Santos, 2018, p. 168-169).

Estes clubes não atuavam isolados e somente nas suas atividades esportivas. Santos demonstra como os combativos jornalistas negros do jornal *O Exemplo* (1892-1930) mantinham fortes relações com os clubes de futebol e suas lideranças, o que reforçava o caráter de afirmação social dos clubes negros (Ilustração 01), para além de sua função recreativa.

Ilustração 01 - Oito de Setembro, time de futebol da Colônia Africana, participante da Liga Nacional de Football Porto-Alegrense, data imprecisa



Fonte: Santos, 2018, p.171. Acervo da família de Jayme Moreira da Silva.

Assim, em um contexto no qual os meios políticos e a imprensa hegemônica debatiam abertamente sobre a necessidade e as vantagens de se buscar um branqueamento da sociedade brasileira e em que a população imigrante europeia passara a ter ampla preferência ao se inserir no mercado de trabalho, o futebol foi uma

importante forma de afirmação e sociabilidade da população negra da cidade. Ceconello (2017) afirma que a Liga Nacional de Football Porto-Alegrense foi a maior liga de clubes de futebol compostos por jogadores negros a se organizar no país, o que reforça sua importância enquanto espaço de construção política e social.

A maioria das sedes dos clubes de futebol desta população se situavam no que historicamente é identificado como “territórios negros” de Porto Alegre. Aí se incluem a Colônia Africana (atuais bairros Rio Branco e Mont’Serrat), o Arraial da Baronesa e partes da Cidade Baixa, onde estava situada a favela da Ilhota (Vieira, 2017). Esta localidade, durante sua existência, foi de grande importância para a dimensão étnica do futebol e a cultura popular da cidade. A Ilhota foi local de nascimento de vários importantes jogadores de futebol, sendo Tesourinha o que obteve maior destaque.²

Os clubes de futebol compostos por jogadores negros realizaram campeonatos de forma organizada e periódica por mais de 20 anos, possivelmente até 1933, quando em Porto Alegre se inicia a profissionalização dos principais times de futebol (Santos, 2018).

A partir de final da década de 1960 uma parte significativa das populações destas áreas nas quais se desenvolveu esta experiência dos times negros, inclusive a Ilhota, foi transferida para a Restinga.

Ali, entre início da década de 1980 e final dos anos 1990, os times de futebol foram muito significativos para a vida local. Numa iniciativa de reparação da memória (Ruiz Rodríguez, 2004) foi criada a Liga de Futebol da Restinga e se organizaram campeonatos que chegaram a contar com a participação de 24 times, divididos em série A e B. Esta quantidade inusitada de times, para um bairro, dá a dimensão da importância do futebol como fenômeno social na Restinga.

É importante sublinhar que não se trata de times ocasionais, completamente informais e que em algumas ocasiões disputam partidas sem muita responsabilidade, as

² Osmar Fortes Barcellos, o Tesourinha (1921-1979), foi um dos mais importantes jogadores de futebol do RS. Nascido na Ilhota, foi no Ferroviário, time deste território negro, que fez sua estreia como amador. Jogou no Inter, Vasco da Gama (RJ), Grêmio e na Seleção Brasileira. O Ginásio Municipal de Porto Alegre, construído em cima do que foi a Ilhota, leva seu nome (Baibich, 2007).

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

famosas “peladas” de fim de semana. Estes times da Restinga tinham diretoria, treinador e elenco fixo de jogadores registrados na própria Liga de Futebol da Restinga.

Os campeonatos tinham turno e retorno, vindo a ocupar os times praticamente durante todo ano. Eram organizados com arbitragem, súmulas, tribunal esportivo que, em caso de violência contra o juiz ou promoção de distúrbio público nas partidas (segundo entrevistados algo raro, mas não inexistente), poderia suspender algum jogador por toda uma temporada ou decretar o rebaixamento do time, caso jogasse a série A.

Os jogos tinham um calendário e os horários eram cumpridos, sendo que o time que se atrasasse para alguma partida era declarado perdedor do confronto. Ambas as equipes, além da arbitragem, somente poderiam jogar com fardamento completo. As regras do jogo em si, obviamente, eram as mesmas de qualquer partida de futebol profissional. Assim, quantidade de jogadores, número de substituições, tempo de duração das partidas, intervalos e outros elementos do jogo seguiam o padrão de qualquer campeonato oficial. Conforme um entrevistado, ativo dirigente de um dos principais times da Restinga,

A Liga de Futebol da Restinga era coisa muito bem-organizada. Ela funcionava, precisava assim num campeonato... têm que ter regras, tem que ter coisa tudo certinha, por que senão dá confusão (Entrevista 14, p. 04)³.

A importância do futebol na Restinga é explicada em depoimento de uma liderança comunitária, que via nesta iniciativa um forte fator de distinção do bairro e uma rica experiência de sociabilidade.

... cada canto da Restinga tinha um campo de futebol e cada campo de futebol tinha dois ou três times. Havia um campeonato de futebol interno da Restinga. E esses dois ou três times, os caras tinham, digamos assim, uma vida clubística muito forte. Eles tinham torcida; por incrível

³ Para garantir o anonimato das fontes as entrevistas foram numeradas.

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

que pareça eles vendiam camiseta pra torcida deles. Tá, tudo bem, era meia dúzia de camisetas, cinquenta camisetas que um maluco fazia em serigrafia nos fundos da casa dele. Mas comparado com um clube aí, de outro bairro, eles faziam. Isso ajudava a criar espírito de corpo numa determinada região (Entrevista 08, p. 08).

Os times da Restinga se espalhavam por toda geografia do bairro e sua composição de origem era bastante variada.

O nosso time, o Restinga, era dos Catarina também. Mas aí veio um velho lá da Vila Jardim morar aqui e ele era envolvido com futebol lá em cima no Bom Sucesso, na Vila Jardim... e aí, o velho pegou. Os Catarina tavam deixando de mão, eles tinham um esquema de carteadado e o velho tomou conta do carteadado dos Catarina e já tomou conta do time, do nome. E sustentava o Restinga só no carteadado e no jogo de bicho. Ele era funcionário do velho Ernesto, o maior bicheiro que tinha na zona sul. E o velho Ernesto sustentava nós. Volta e meia ele chegava com um fardo, assim, de camisa, fardamento novo, até com chuteira nova vinha. E tinha o Expresso Branco que também era dos Catarina. O Expresso Branco, o Palmeirinhas, o Restinga, depois veio o Monte Castelo, primeiro o ABC, depois o Monte Castelo, depois tinha o time do Curral e tinha mais uns times do Pinheiro que eles disputavam campeonato aqui na vila. Tinha campeonato naquela época. Tinha campeonato bacana e tudo (Entrevista 10, p. 13).

O depoimento acima mostra a complexidade dos times de futebol na Restinga. Havia times com uma identidade étnica de homens brancos (os “Catarina”), possivelmente uma alusão a moradores que vieram da zona norte de Porto Alegre e, antes, imigraram do sul de Santa Catarina. Assim, o Restinga, o Expresso Branco e o Palmeirinha eram times associados aos “catarinas”, enquanto outros tinham uma nítida identificação étnica relacionada à negritude.

Esta entrevista também menciona o financiamento dos times. O fato de serem todos amadores não significa que não tivessem custos. O mais visível eram os gastos com uniforme e eventuais deslocamentos para fora do bairro. Há também o cuidado com os campos de futebol, em parte mantidos pela Prefeitura, mas com investimento de um ou mais times em cada campo.

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

Também havia algum pagamento aos futebolistas de melhor qualidade, os “craques” do time. Contudo, este pagamento era somente em algumas situações, em geral para jogos pelo campeonato de várzea da cidade, quando os melhores times da Restinga, reforçados por jogadores de outras equipes, disputavam com times de outros bairros. Os pagamentos eram por partida e dependiam de diversos fatores, bastante arbitrários; tampouco havia uma padronização para todos os times.

E, como se vê numa entrevista, aparece a figura do bicheiro, financiador dos times (que em geral, “por fora”, pagava algum “bixo” para alguns jogadores) e gestor de negócios (jogo do bicho, carteadado, bares) que conviviam com o time de futebol. Nestes aspectos relacionados ao financiamento dos times havia grande informalidade, um caráter aleatório e uma aceitação geral de apoios, mesmo vindo de fontes não formais ou nitidamente ilícitas. Acordos tácitos não escritos regulavam o fluxo de recursos entre padrinhos, direções de times e jogadores.

Porém, estas questões de financiamento e organização dos times da Restinga não envolviam todas as equipes. Havia muita disparidade entre série A e série B, inclusive pelo fato de diversos times terem propósitos diferentes.

Acho que foi dos primeiros lugares que teve isso de sobe pra primeira, desce pra segunda. Foi aqui na Restinga. Era quantidade de time e, então pra se ter um bom campeonato, mais ou menos qualificado assim... mais ou menos parelho... Tinha umas categorias, uns times que eram muito bons e se destacavam muito. E tinha outros que o pessoal fazia mais pra se divertir. Eram times menores, mas gostavam de participar do campeonato (Entrevista 14, p. 03).

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

Ilustração 02 - Restinga, time de futebol Associação Esportiva Monte Castelo



Fonte: Arquivo Farias, década de 1980.

A relação dos times com os territórios também é significativa. Além dos “Catarinas”, de território difuso, alguns times eram identificados pelo local de origem das pessoas: “e tinha esses times... vários times. Cada um tinha a sua... tinha um outro time que era dos caras que eram da Teodora” (Entrevista 02, p. 04). Também aparece a combinação local de origem e local de destino, sendo possível fazer o registro de deslocamento territorial a partir de times de futebol.

... lá na Restinga Velha tinha dois times muito fortes, de Porto Alegre, inclusive... era o Águia de Ouro e o Abolição. Eram dois timaços dessa região. O Abolição era constituído pelo que veio da Ilhota, isso eu posso te dizer. Os outros núcleos eu já não sei muito onde estavam. Parece que foi muito a base da Escola de Samba (Entrevista 02, p. 04).

Já na nomenclatura e nas combinações mais amplas com outras iniciativas culturais, em especial a escola de samba, estes times constituíam uma identidade étnica relacionada com as pessoas negras do bairro.

Portanto, vê-se que há um forte sentido de organização e intensa mobilização na Restinga em torno do futebol. Isso não ocorre por acaso e é plausível afirmar que a memória da experiência dos clubes de futebol dos territórios negros, anteriormente mencionados, foi um importante fator de inspiração da prática esportiva do futebol na Restinga.

As memórias coletivas, que vão sendo socialmente articuladas, operam em tempos que podem ser mais extensos do que a experiência direta de seus protagonistas. Ruiz Rodriguez (2004) denomina de recuperação as experiências sociais que operam em tempos distintos dos momentos nos quais se instauraram os fenômenos. Há um processo de reaparição de memórias, que articula a memória da Liga dos Canelas Pretas à Liga de Futebol da Restinga. Há uma memória construída em torno do futebol, anterior ao deslocamento forçado ou aceito para a periferia, que opera dispositivos de reconstituição que serão fundamentais para a articulação desta prática desportiva e social no bairro. Esta memória do futebol como fator de constituição destas populações negras, antes alijadas de cidadania em territórios da região central da cidade, opera novamente como fator de constituição de uma população que descende daquela dos territórios negros e também se associa a esta a partir da experiência de segregação na periferia.

O futebol na Restinga operava conexões que iam além das fronteiras do bairro. Em dois sentidos: no primeiro era o de participação de times da Restinga em campeonatos da cidade, tais como o metropolitano de futebol de várzea, o porto-alegrense de futebol de salão e até o campeonato de futebol de praia, disputado na orla do Rio Grande do Sul durante o verão. Apesar da Restinga não ter praia, em algumas ocasiões “emprestou” algum time para uma das praias do litoral gaúcho.

O outro sentido era o inverso: jogadores de outros bairros de Porto Alegre e até mesmo da Região Metropolitana, atraídos pelo campeonato bem-organizado da Restinga, se inscreviam em times locais para poderem participar.

E era uma coisa disputada, muito disputada. Era um campeonato muito aguerrido. Vinha muita gente dos outros bairros jogar aqui na Restinga. Muita gente que gostava vinha jogar aqui. Que aqui é o foco da várzea.

Jogador tinha lá nos outros bairros, mas tinha muito jogador que vinha jogar aqui. Muito jogador bom. Às vezes ex-profissionais, que vinham. O jogador parava de jogar e as vezes vinha aqui jogar (Entrevista 14, p. 3).

Estes deslocamentos que traziam pessoas ao bairro são importantes, pois colaboravam na construção do orgulho local. Este variado contingente de jogadores de outros territórios acabava se transformando num atestado de reconhecimento do peso e valor da Restinga. Neste aspecto, mesmo sem que tenha ocorrido de forma intencional, as relações sociais construídas através do futebol foram importantes na quebra de isolamento e estigmas, marcas da Restinga em seus primórdios.

A importância do futebol como elo de construção social do bairro também fica expresso no interesse que a população tinha em relação ao seu campeonato. Um exemplo disto é o programa esportivo da rádio comunitária da Restinga. Segundo um entrevistado, havia muito mais audiência quando focava nas questões futebolísticas do próprio bairro do que nas notícias que envolviam o futebol profissional local ou brasileiro.

Então eu me lembro que quando a rádio estava funcionando mais ou menos organizadamente, nós tínhamos toda segunda-feira de noite um programa de esportes. O pessoal da Liga de Futebol sentava lá e começava a comentar os jogos etc e tal. E aí teve um louco que entrou no meio da galera pra comentar o campeonato brasileiro, o campeonato gaúcho. Choveu telefone, “tira esse cara do ar! Isso aí é besteira, nós queremos saber é do nosso futebol aqui, dos nossos times”. Era um troço meio maluco, tinha uma identificação com coisas do bairro (Entrevista 08, p. 13).

Contudo, é importante ressaltar que esta “identificação com coisas do bairro” apresentava um caráter ambíguo. Ao mesmo tempo em que os jogos tinham enorme potencial integrador, quer seja pelo deslocamento constante de centenas de pessoas pelas diferentes partes do bairro ou pelos encontros que estes jogos promoviam, além da repercussão na rádio, nas conversas nos bares e a interface com as escolas de samba, também, justamente por estes encontros e pelo caráter de disputa que se cria entre times, estas atividades esportivas igualmente estavam sujeitas a potencializar conflitos.

Sabe como é que é torcida.... torcida fica lá... Torce pra cá, torce pra lá... As vezes o pessoal já não se dava muito... E tomam mais umas coisinhas, aí ficam bem alegres (risos) e aí dá uns problemas, xingam os juízes... Vô fazê isso, vô fazê aquilo. Não fazem nada! Vou dar uns tiros. Quem é que dá um tiro? (risos). Nunca vi um revólver. Civil se pegava, vai dar um tiro nele mesmo (risos). Por que quem conhece uma arma não fica dizendo que vai dar um tiro (Entrevista 14, p. 4).

A junção, num processo simbólico de disputas, dos diferentes que já “não se dão”, tem potencial para provocar “retalhamentos”. Porém, os times de futebol não são somente futebol. Gabriela Fröhlich (2006) ao analisar o esporte, de forma geral, na Restinga, conclui que é “...*elemento capaz de auxiliar no desenvolvimento da percepção de cidadania*” (Fröhlich, 2006, p. 160). Em seu trabalho, para além das atividades desportivas em si, avalia que o esporte é um importante espaço de educação não-formal, possibilita uma vivência coletiva prazerosa e é fator de inclusão social. Assim, também há um processo virtuoso nas práticas esportivas.

Alguns times de futebol da Restinga também buscam contribuir com o que se poderia denominar inclusão social. Neste aspecto, mais uma vez, se nota uma grande variedade de situações. O mais comum são iniciativas pontuais de assistência social em datas festivas, mas há também trabalhos mais consistentes de educação não-formal, que funcionam durante o ano todo e buscam trabalhar processos de educação em crianças e adolescentes do bairro.

Nota-se, em narrativas colhidas entre gestores esportivos de alguns destes times, que há uma tensão entre o trabalho social com estas crianças e sua exposição a situações de projeção social que eventualmente são alimentadas por traficantes de droga. É uma disputa entre forças díspares, pois em muitos casos as ofertas materiais imediatas provenientes do tráfico não encontram capacidade de resposta nos abstratos e distantes benefícios que o trabalho social no futebol viria por ventura concretizar. Assim, não é incomum, na ótica de gestores e treinadores de times de futebol da Restinga, “se perderem” meninos para o tráfico.

Esta “perda de meninos” para o tráfico merece alguns comentários que venham a complexificar a dimensão desta questão. A partir de dados sociais mais amplos e pesquisa de campo em Porto Alegre, Vanelise Aloraldo e Cíntia Nunes (2022) demonstram a conexão entre diversos fatores que associam a adesão ao tráfico de drogas por parte de meninos de periferia.

Uma primeira questão é de ordem econômica e social. As referidas autoras mencionam diversos estudos que atestam a maior precariedade de acesso à trabalho por parte de jovens no meio popular urbano. São os jovens que possuem o maior percentual de desemprego ou sub-emprego. De acordo com estudo elaborado pelo DIEESE, 12,8% da população de jovens porto-alegrenses estavam desempregados em 2011. Na população adulta economicamente ativa este percentual caía para 3,7% (Dieese, 2013). Este cenário está associado à baixa escolaridade e falta de políticas públicas mais efetivas relacionadas à inclusão social através do trabalho (Aloraldo; Nunes, 2022).

Assim, o acesso rápido e direto a uma renda muito superior às demais possibilidades que se apresentam, faz com que a incorporação ao trabalho no tráfico de drogas seja uma possibilidade tentadora para muitos jovens.

Aloraldo e Nunes (2022) também assinalam como o tráfico é uma oportunidade de aumento de status e valorização social. Em entrevistas com meninos de periferia descrevem que muitos que aderem se sentem empoderados e valorizados perante seu segmento social, não raro sendo motivo de admiração – o que também lhes proporciona ganhos simbólicos. Há, inclusive, depoimento que demonstra como no time de futebol um menino que trabalha no tráfico subitamente tem uma condição social diferenciada a partir da súbita aceleração na aquisição de mercadorias que proporcionam status, tais como celulares caros, roupas de marca etc.

Contudo, as mesmas autoras demonstram que nem todos os meninos são efetivamente atraídos pelos ganhos imediatos do tráfico de drogas. Há uma equação, conhecida por todos: viver menos e melhor ou viver mais com dificuldades. Em nosso

trabalho de campo este tema não foi explorado diretamente, ficando em aberto a análise entre a relação direta dos times de futebol na Restinga e o tráfico de drogas.

Outra questão, neste caso interna ao próprio trabalho social, é a tensão entre a expectativa de obter êxito no mundo do futebol com a realidade de que esta situação será possível para muito poucos. Os meninos das escolinhas sonham em seguir os passos de Raphinha, assim como ele um dia sonhou em seguir a trajetória de Tinga.⁴ A narrativa de se formar cidadãos através do trabalho de educação se choca com estes sonhos que, por mais distantes e difíceis que sejam, para estes meninos são mais concretos do que as possibilidades que as oportunidades comuns através da educação formal possam vir a trazer. Paradoxalmente, o sucesso obtido por alguns meninos que lograram se tornar jogadores profissionais acaba contribuindo para dificultar a legitimidade destes processos sociais de educação presentes nas narrativas dos dirigentes dos times.

Na outra ponta das faixas etárias, em alguns casos há equipes de veteranos, com objetivos lúdicos. Diversos jogadores que foram profissionais ou tiveram uma incipiente carreira futebolística por causa de lesões costumam jogar nestas equipes. Apesar de serem jogos lúdicos, a observação de algumas partidas permitiu perceber que a competitividade não abandonou estes veteranos jogadores.

Estes jogos entre veteranos, apesar de serem em menor quantidade e obterem menos destaque no bairro, servem como construção de lugares de memória. Em especial no pós-jogo, com a companhia de uma cervejinha no bar, é comum a irrupção de memórias relacionadas aos feitos esportivos de outras épocas. Há, nestas ocasiões, uma profusão de discursos com riqueza de detalhes e múltiplos sentidos (evocação, criticidade, comicidade etc). Também é comum que as conversas mesquem assuntos futebolísticos com outros aspectos do cotidiano do bairro em outras épocas e até mesmo de questões mais amplas, relacionadas a dinâmicas da cidade.

⁴ O ex-jogador de futebol Paulo César Fonseca do Nascimento, conhecido pelo apelido Tinga (uma alusão ao bairro), teve uma longa e exitosa carreira, logrando jogar em grandes clubes brasileiros como Internacional, Grêmio, Cruzeiro e também no exterior, no Sporting (Portugal), Borussia Dortmund (Alemanha) e Kawasaki Frontale (Japão), além da Seleção Brasileira. Atualmente se dedica a projetos sociais na própria Restinga e em Porto Alegre.

A partir de meados da década de 2000 o futebol na Restinga começa a entrar em declínio. Já não era mais possível sustentar um campeonato interno nos moldes em que ele vinha ocorrendo. Há diversos fatores que ajudam a entender esta mudança. Uma das explicações mencionadas para esta derrocada do futebol na Restinga é a substituição do futebol de campo pelo futebol sete, também denominado de futebol *society*. Esta variação do futebol, mais propícia para atividade física de lazer do que para competições (portanto, sem a necessidade de regramentos mais rígidos e custos advindos desta formatação), necessita de menos jogadores e é praticado em quadras que exigem menos espaço e com custos de manutenção mais baixos. No caso destas quadras serem cobertas, ficam isentas de intempéries e variações climáticas muito bruscas; havendo iluminação, torna-se possível de ser praticado à noite durante todos os dias da semana.

Aí o que aconteceu com os campeonatos na Restinga? Em 2005 mais ou menos começou a arriar e depois terminou mesmo. Até 2010 teve ainda [...]. E depois se criou o campeonato de futebol-sete, que é o que ainda mantém o futebol na Restinga (Entrevista 14, p. 6).

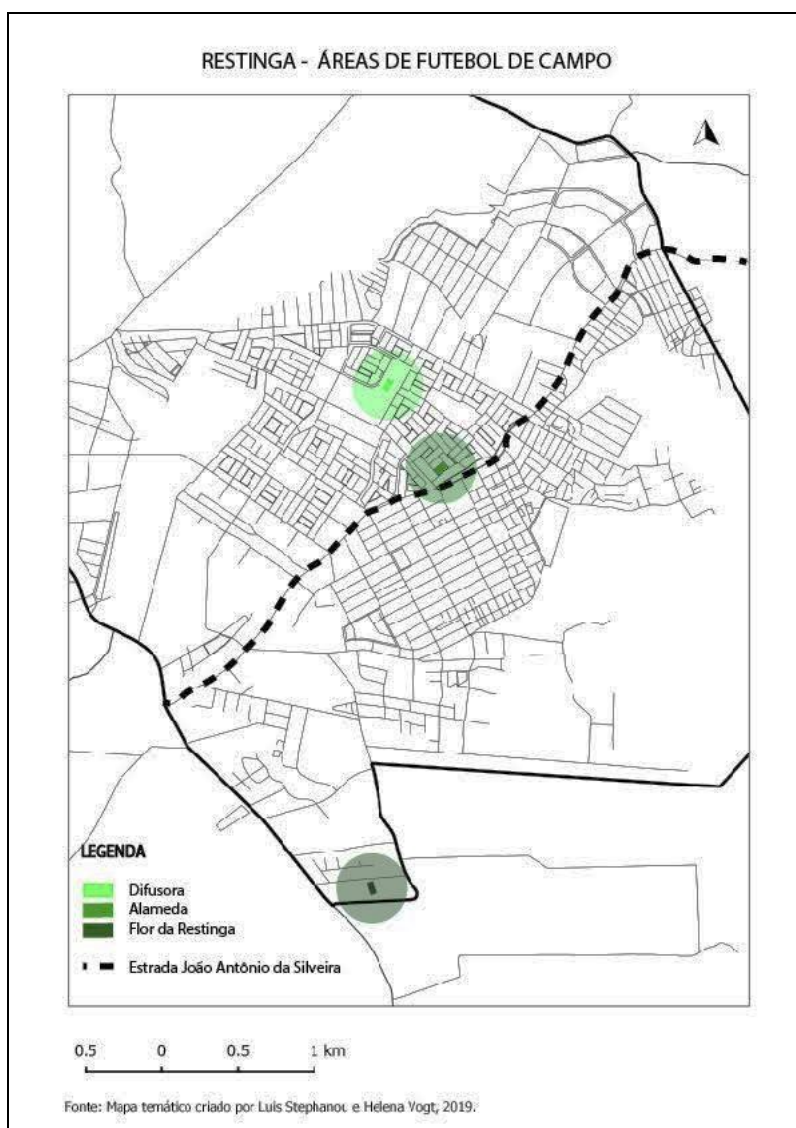
Os campeonatos de futebol, agora, dentro da vila, ficaram só em termos de futebol sete, tem vários lugares que fazem na vila. Os campos grandes até ficaram atirados. O lá de baixo está sendo mantido por que o pessoal faz atividade física ali, correm e tal. E temos um campo para trazer futebol porque bem na frente tem o Bar Esperança. Ali se reúnem os velhos cachaceiros, tudo para assistir futebol (Entrevista 10, p. 13).

Os espaços para a prática de futebol de campo se restringem e já não há mais campos suficientes para comportar a atividade de todos os times que, aos poucos, vão se desarticulando.

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

Mapa 02 - Restinga, campos de futebol



A Restinga atualmente tem somente dois campos de futebol em funcionamento regular (Difusora e Alameda) e um terceiro (Flor da Restinga), desativado, ainda com os equipamentos e condições de uso. No auge do futebol de campo no bairro havia ao menos oito ou nove campos de futebol que eram constantemente utilizados e requeriam times organizados para os seus cuidados de manutenção e gestão.

É sintomático que o principal campo do bairro, o Difusora, atualmente seja um espaço disputado por outros grupos que pretendem ali implementar outras práticas sociais, em especial relacionadas ao tradicionalismo. Em conversas informais com

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

futebolistas foi informado que as dimensões anteriores do campo eram maiores, mas a partir de meados da década de 1990 ficou acordado que haveria uma diminuição em suas dimensões. O objetivo era facilitar a prática futebolística, uma vez que o condicionamento físico dos esportistas também era amador. Contudo, teve como efeito secundário o surgimento de algumas pequenas áreas que foram incorporadas a outras iniciativas de assistência social no local. Esta convivência é pacífica e, inclusive, acaba acionando dispositivos de apoio a campanhas de saúde ou assistenciais no território e no meio dos grupos de futebolistas.

Contudo, também há disputas pelo local. Os antigos vestiários do campo Difusora, um prédio anexo ao próprio campo, em determinada ocasião foram emprestados para uma atividade temporária do grupo de CTG⁵ da Restinga, mas nunca foram devolvidos para a gestão dos futebolistas. A Prefeitura, através da Centro Administrativo Regional (atual CRIP) não logrou efetuar uma mediação eficaz e a ocupação do espaço se consolidou. Na disputa deste pequeno território ficou evidenciado que nas relações no bairro os tradicionalistas do CTG têm mais força do que os futebolistas.

Até o momento a resistência futebolística, em parte apoiada em dispositivos de memória (Le Goff, 1990), ainda consegue manter o domínio sobre uma parte significativa do Campo Difusora.

As mudanças que foram operadas no território do bairro redesenharam uma série de espaços, inclusive os campos de futebol. Estes territórios seguem sendo espaços de disputas, tanto em relação às narrativas como em relação ao poder de apropriação sobre os mesmos.

Outro fator importante para o lento declínio do futebol no bairro é que, com a dissolução da Liga de Futebol da Restinga, muitos dos antigos dirigentes que ajudaram a organizar a estrutura e a gerenciaram por décadas “se aposentaram”. Há um capital

⁵ Sigla de Centro de Tradições Gaúchas, entidades que funcionam como organizações da sociedade civil sem fins lucrativos e tem como objetivo preservar e divulgar as tradições culturais gaúchas. Normalmente desenvolvem seus trabalhos a partir de uma sede, um espaço físico, o que explica a disputa pelo território no caso do Campo Difusora.

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

intelectual, que poderia se materializar em termos de articulação da memória esportiva e futebolística do bairro, que vai se perdendo.

A maioria dos times de futebol local se transformaram numa melancólica lembrança do passado. Em caixas de sapato ou pastas cuidadosamente protegidas por plásticos, há fotografias de times antigos e recortes de jornal. Algum bar ou casa de antigo dirigente guarda troféus e fotos emolduradas em paredes. São o que Nora (1993) chamou de memória arquivo, uma forma inativa de preservação da memória.

Paradoxalmente, alguns dos times de futebol da Restinga que lograram se manter em atividade entraram na era do futebol global, substituindo seus êxitos na sociabilidade e formatação de identidades no bairro por atividades mercantis relacionadas à formação de jogadores profissionais. Ancorados no êxito profissional do jogador Tinga, nascido e criado no bairro, muitos adolescentes e jovens tentam seguir seus passos e vencerem no difícil mundo do futebol profissional. É o caminho percorrido com êxito pelo jogador Raphinha, que jogou a Copa do Mundo no Qatar, em 2022, pela Seleção Brasileira.

Não se trata de um caso isolado, pois há outros jogadores oriundos da Restinga, com menos destaque, mas também tendo êxito profissional em clubes brasileiros da série A ou B ou, ainda, jogando em equipes de menor expressão do futebol europeu e até mesmo no futebol asiático. Já há uma nova geração de jovens, vinculados a equipes de base de clubes, esperando uma oportunidade que ainda poderá vir ou não.

O futebol, durante tanto tempo foco de sociabilidade, de integração ou conflito no bairro, agora se constrói pela dinâmica do mercado. Há olheiros substituindo os antigos treinadores-educadores. E a expectativa dos meninos se ancora cada vez mais em lograr algum contrato através de algum empresário e seguir os passos de Tinga e Raphinha.

Até aqui viu-se a presença do futebol na Restinga e sua importância, feita de associações e contradições. Porém, há que ser citada uma notável ausência: o futebol feminino.

O trabalho já mencionado de Silvana Goellner (2021) demonstra o quanto foi (e é) difícil para as mulheres conquistar acesso à prática do futebol. Esta mesma autora menciona que no período da Ditadura de Vargas havia a crença relativamente

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

generalizada de que os esforços físicos e a rudeza da prática do futebol eram não somente desaconselháveis para o físico mais delicado das mulheres como deveriam ser severamente combatidas, uma vez que potencialmente afetavam às possibilidades de gravidez e, mesmo se os jogos fossem realizados entre mães, afetariam o desenvolvimento psíquico das mesmas e seus filhos. Houve, inclusive, argumentos energicamente esgrimidos sobre a possibilidade de uma bolada nos seios causar câncer (Fugeira, 1940).

Contudo, se havia esta oposição ao jogo para mulheres, explicitamente colocada em público, é porque havia um esforço das mulheres seguirem praticando o futebol, mesmo que em espaços não apropriados, unicamente como lazer. Goellner (2021) aponta como entre a década de 1940 e o final da década de 1970, durante 40 anos, as mulheres praticaram o futebol como uma forma de insubmissão aos ditames masculinos.

Somente após a redemocratização do país é que se logrou, sempre a partir de iniciativas de mulheres que lutaram para este fim, a inclusão gradativa do futebol feminino na agenda esportiva brasileira. Goellner (2001) recupera a história destas lutas, destacando a implementação de campeonatos estaduais amadores e o longo caminho até o reconhecimento profissional. Somente no século XXI, e ainda em padrão de desigualdade financeira absoluta em relação aos homens, é que se logrou a profissionalização do futebol feminino no Brasil.

Na Restinga estas limitações se fizeram presentes. Nesta pesquisa todas entrevistas foram com homens e todos os jogadores, dirigentes e o entorno de comunicação e agenciamentos que se conseguiu acessar foi masculino. Havia torcedoras, mães de meninos das escolinhas e algumas aficionadas que prestavam serviços de limpeza de uniformes, apoio logístico etc... Contudo, não foi possível perceber a prática sistemática do jogo por parte das meninas, algo que possivelmente já mudará no período pós pandemia.

Assim, o futebol de campo foi um fator muito importante – ainda que limitado – no processo de construção de identidade neste bairro de Porto Alegre. Sua implementação no bairro bebeu nas profundas águas da memória do êxodo de parte de

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

sua população e, exatamente por isso, foi um recurso contra os estigmas que ali foram se construindo, tanto na relação do bairro com a cidade como dos vários territórios parciais da própria Restinga entre si.

3 Conclusões

No início do século XX o futebol jogado pelos times negros cumpriu um importante papel de afirmação étnica-social na cidade. No fim do século, este jogo cumpriu significativo rol de socialização da população da Restinga e articulação de identidades. Esta experiência foi fortemente estabelecida pela organização de memórias em torno do futebol e das práticas de discriminação social e racial de ambas as populações.

No primeiro contexto, a população urbana negra de Porto Alegre, recém-saída da centenária experiência da escravidão, buscava superar as novas formas de discriminação afirmando sua riqueza cultural e identidade étnica nos chamados territórios negros da cidade (Vieira, 2017).

No contexto mais recente, parcela significativa dos seus descendentes é expulsa do território que ocupavam e tentam reconstruir suas vidas e formas coletivas de organização a partir da construção de identidades no novo bairro, desenvolvendo um sentimento de pertença e orgulho neste novo território.

Em ambos os momentos o futebol, aliado a outras iniciativas, teve grande importância na afirmação destas populações segregadas. Superar os estigmas foi um processo longo, difícil e sempre sujeito a não estar concluído, mas ocorreu. Dentre estes processos inconclusos se destaca a invisibilidade do futebol feminino no bairro.

A articulação de lugares de memória, a exploração da reparaçãõ através da ressignificação da prática organizativa em torno de ligas de futebol e a construção de narrativas que destacam os quadros sociais de memória em torno do futebol nos demonstram o quanto esse fenômeno cultural pode servir de apoio para a inclusão social

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

cidadã em territórios urbanos. Este também é um componente essencial do direito à cidade.

Referências

ALORALDO, Vanelise de Paula; NUNES, Cíntia Florence. Tráfico de drogas e precarização das juventudes: juvenicídio nas periferias da capital. In: SCHERER, Giovane Antonio (org.). *Juvenicídio, território e políticas públicas: rastros de sangue na cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre: Cirkula, 2022. p. 235-266.

ARAUJO, Neila Prestes de. Vilas de malocas e bairro Restinga: a versão dos removidos sobre o plano de confinamento em vila de transição – Eugenia na Porto Alegre de 1967-1970. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 14., 2018, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: ANPUH/RS, 2018. p. 01-16.

BAIBICH, André. Tesourinha, o Garrincha colorado. *Revista do Inter.*, Porto Alegre, p. 07, mar. 2007.

CECONELLO, Douglas. A liga dos canelas pretas: o histórico campeonato dos clubes negros de Porto Alegre. In: BLOG MEIA ENCARNADA, [s. l.], 14 jun. 2017.

DIEESE. *Juventudes no mercado de trabalho de Porto Alegre: uma análise dos anos 2000*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre – PMPA, 2013.

FRANCO JR., Hilário. *Dando ratos à bola: ensaios sobre futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FRÖHLICH, Gabriela. *Esporte e cidadania: bairro Restinga, em Porto Alegre*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica (PUCRS), Porto Alegre, 2006.

FUGEIRA, José. Um disparate sportivo que não deve prosseguir: carta aberta ao Presidente da República. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, p. 03-04, 7 maio 1940.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Women and football in Brazil: discontinuities, resistance, and resilience. *Revista Movimento [online]*, *Revista de Educação Física da UFRGS*, Porto Alegre, v. 27, e27001, 2021.

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; MENDONÇA, Felipe Viero Kolinski Machado. Ô bicharada, toma cuidado: o bolsonaro vai matar viado! cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades. *Galáxia*, [online], São Paulo, n. 46, 2021.

RIBEIRO, Luiz Carlos; SOUZA, Jhonatan Uewerton. O futebol na proposta autoritária e corporativista da Era Vargas (1930-1945). *Revista Topoi [online]*, [s. l.], v. 22, n. 46, p. 160-181, 2021.

RUIZ RODRÍGUEZ, Marcos. *Las caras de la memoria*. Madrid: Pearson Educación, 2004.

SANTOS, José Antonio dos. *Liga da canela preta: a história do negro no futebol*. Porto Alegre: Diadorim, 2018.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Antijogo: considerações em torno de uma categoria da diferença. *Horizontes Antropológicos [online]*, v. 26, n. 56, p. 255-291, 2020.

VIEIRA, Daniele Machado. *Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800-1970): geografia-histórica da presença negra no espaço urbano*. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Geografia, UFRGS, Porto Alegre, 2017.

Fontes de Fomento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

Contribuições de autoria

Luis Carlos Ribeiro Stephanou: conceituação; curadoria de dados; análise formal; aquisição de financiamento; investigação; metodologia; administração do projeto; validação; escrita – rascunho original; escrita – análise e edição.

Aqueles gramados acolhedores - Memórias futebolísticas de um processo de construção de identidade social

Luis Carlos Ribeiro Stephanou, Rogério Leandro Lima da Silveira

Rogério Leandro Lima da Silveira: conceituação; metodologia; administração do projeto; supervisão; escrita – rascunho original; escrita – análise e edição

Recebido em: 17/03/2023

Aprovado em: 21/11/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

PerCursos

Volume 24 - Ano 2023

revistapercursos.faed@udesc.br